

publico.pt

Há médicos a receber incentivos para cirurgias no horário normal

Inspeção da Saúde detectou vários casos de clínicos do SNS a receber mais de 200 mil euros por ano acima do salário-base em incentivos e horas extraordinárias. Sindicatos falam em situações pontuais **Portugal, 4/5**



ARQUITECTURA
O MUSEU DOS
COCHES ABRIU
POR UM DIA,
MAS SEM COCHES
Cultura, 26/27

O arquitecto brasileiro Paulo Mendes da Rocha, ontem, na praça do museu

Tribunal quer que polícias cumpram já pena de quatro anos

Dois agentes condenados por agredirem estudante devem cumprir a pena já, defende o Tribunal da Relação. Defesa tenta atrasar detenção p6

DIA MUNDIAL DO TEATRO
FERNANDA ALVES,
A MEMÓRIA
DE UMA ACTRIZ
IRREPETÍVEL NO
TEATRO NACIONAL
DE SÃO JOÃO
Cultura, 30/31

Cipriotas sem saber quanto poderão levantar nos bancos

A um dia da abertura dos bancos em Chipre, ninguém sabe o que será permitido **Sérgio Aníbal e Nuno Ferreira Santos, em Nicósia p16/17**

Cortes aumentam risco de a economia estagnar em 2014

Cenário de recessão projectado pelo Banco de Portugal para este ano é igual ao do Governo: uma queda de 2,3% do PIB p2/3

HOJE Lucky Luke
Billy the Kid
(8.º álbum)
Por + 4,95€

Consumir metade do sal evitaria 6000 mortes por ano

Cloreto de sódio associado a 2,3 milhões de mortes no mundo em 2010, alerta estudo. Em Portugal, vítima 6000 pessoas/ano p25

O Museu dos Coches abriu por um dia: só falta ver “se o povo gosta”

“Agora só faltam mesmo os carros de luxo de há muitos séculos”, diz o arquitecto Paulo Mendes da Rocha. Para que o museu abra é preciso a exposição e a ponte pedonal que o liga ao rio. Mas a obra está parada há nove meses

Arquitectura
Lucinda Ganelas

Uma longa fila à porta e o átrio repleto de largas dezenas de arquitectos, alunos e professores de arquitectura, com câmaras fotográficas ao pescoço. Os seguranças não esperavam uma tarde tão concorrida. Cá fora, olhando para todas aquelas pessoas, Paulo Mendes da Rocha sorri e reconhece estar ansioso por ver as portas abertas. Não por um dia, mas para sempre. “Quanta gente... A praça fica bem mais bonita quando tem gente, não é?”

O arquitecto brasileiro, autor do projecto do novo Museu Nacional dos Coches, em Lisboa, feito em parceria com o português Ricardo Bak Gordon, quer sentir que “Lisboa entra” pela praça que criou, quer ver os “maravilhosos coches dourados, bem iluminados, naquele imenso espaço branco das galerias” e, sobretudo, quer saber “se o povo gosta”.

Mendes da Rocha esteve ontem a percorrer o grande edifício de Belém, numa visita técnica com Bak Gordon, Nuno Sampaio, autor da proposta museográfica, e Rui Furtado, o engenheiro responsável pela obra. Percorrendo os dois edifícios ligados por uma ponte — o pavilhão expositivo, composto por duas galerias de 2700 metros quadrados cada, e o edifício anexo, onde ficará o auditório, os serviços administrativos e o restaurante — os autores do projecto foram explicando as suas opções e conduzindo os visitantes naquilo a que Sampaio chamou “um exercício de imaginação”.

Foi preciso imaginar que os dois grandes espaços de exposição permanentemente, que serão ocupados por uma colecção de coches única no mundo, estavam já habitados. Foi preciso imaginar que dos passadizos das duas naves se podem ver, como se de verdadeiras peças de escultura se tratassem, as delicadas belindas de D. Maria I e as liteiras do século XVIII, o coche de viagem de Filipe II e os da sumptuosa embaixada ao papa Clemente XI. “A arquitectura é isso no começo — imaginação”, diz

Mendes da Rocha ao PÚBLICO, explicando em seguida que usa uma técnica pouco convencional para pensar nas dimensões que deveriam ter as galerias de exposição, hoje com um pé direito de 7,5 metros e 17 de largura: “Estava desenhando e comeci a pensar que espaço seria preciso para que pudéssemos movimentar os coches, para que pudéssemos rodá-los. E de repente lembrei-me, ao olhar na janela, que podia medir a largura da minha rua, que tem sempre carros estacionados. Foi lá em baixo e contei: 20 passos, 20 metros. Aqui fizemos um pouco menos na largura e na altura para manter o orçamento previsto [31 milhões de euros].”

Mendes da Rocha vai parando muitas vezes para dar autógrafos e tirar fotografias com os estudantes, como se fosse uma estrela pop. “Todo o mundo fotografando e ninguém desenhando”, repara.

Muitas das opções do programa arquitectónico, diz Bak Gordon, decorreram, como seria de esperar, da própria natureza da cor. Por exemplo (as galerias têm apenas dois estreitos rasgos a toda a largura), tem de ser muito reduzida. “O pavilhão expositivo é muito mais opaco, porque, por questões de conservação, os coches não podem receber muita luz natural”, explica o arquitecto.

Nuno Sampaio, também director da Estratégia Urbana, associação do Porto que no Verão leva a São Paulo uma grande embaixada da arquitectura portuguesa (ver caixa), diz que isto só foi possível porque os projectos de museografia e de arquitectura foram desenvolvidos ao mesmo tempo. “Os coches vão estar organizados por núcleos, mas as galerias têm propositadamente paredes muito amplas onde poderão ser projectados filmes e animações”, acrescenta Sampaio. A ideia é que pelas galerias haja imagens e “chuvvas de sons” capazes de criar ambiente. Um coche a entrar num palácio, com o barulho que as rodas fariam na terra ou gralva, imagens de palácios e cavalos em corrida. “Mas isso ficará agora a cargo de quem fizer o programa da exposição. Nós demos ideias, até

porque o arquitecto Mendes da Rocha sempre nos disse que imaginava o museu com uma certa ligação ao cinema.”

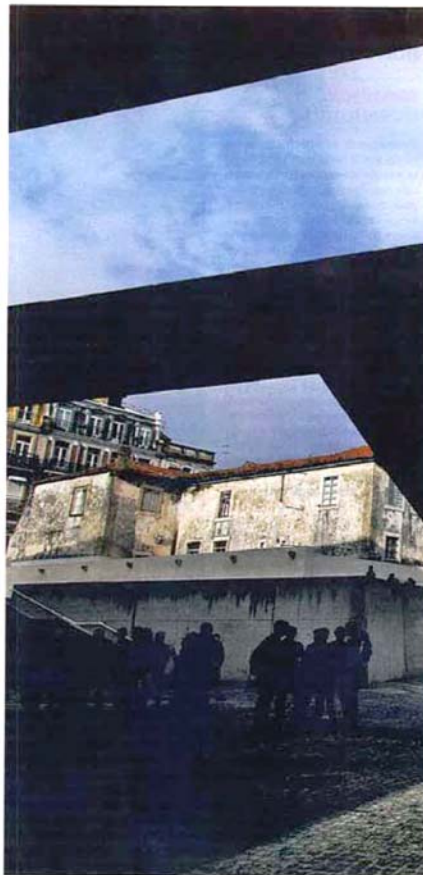
“Você conhece aquele filme de Mastroianni sobre Casanova [Casanova e a Revolução, Ettore Scola, 1982]? Há coches por todo o lado. Os coches fazem-me pensar em cinema, ficam muito bem na tela”, disse ao PÚBLICO Mendes da Rocha, Prémio Pritzker em 2006.

No fim de 2014?

O “exercício de imaginação” que os autores do projecto promoveram ontem no novo espaço é para já o único possível. O programa está a ser preparado pela equipa do museu, mas a Secretaria de Estado da Cultura (SEC) e a sua Direcção-Geral do Património Arquitectónico (DGPC) têm optado por guardá-lo em segredo. Em segredo, ao que parece, estão também as causas que levam a obra a estar parada há nove meses, sem que se saiba ainda quando pretende a SEC começar a instalar a exposição e dar luz verde à construção do passeio pedonal e ciclável que deverá ligar o novo complexo arquitectónico, que Bak Gordon espera venha a ter 600 mil visitantes por ano, e o passeio ribeirinho.

“Há dois anos que têm os projectos nas mãos para a montagem da exposição e para o passeio e desde Junho que tudo está parado”, disse o engenheiro Rui Furtado. O novo museu, garante a equipa que o projectou e construiu, poderia estar já inaugurado, se os prazos para a instalação da colecção tivessem sido tão rigorosamente cumpridos como os da obra. “O dinheiro para a conclusão dos trabalhos existe, está no Turismo de Portugal, e o passeio que parte da praça do museu está já começado”, acrescenta o engenheiro.

O PÚBLICO tentou ontem, sem sucesso, falar com a directora-geral do Património e o presidente do Turismo de Portugal. Por que está a obra parada se, ao que tudo indica, os seus custos estão assegurados? Por que razão não se avançou já com a instalação da colecção se as



O arquitecto brasileiro Paulo Mendes da Rocha na praça do museu

galerias estão prontas a recebê-las? Jorge Barreto Xavier, secretário de Estado da Cultura, garantiu ontem de manhã que o museu será inaugurado no segundo semestre de 2014 ou seja, na melhor das hipóteses, dentro de 15 meses. Mas não ficou até ao fim da conferência para justi-

ficar os atrasos e responder a outras perguntas. Ao fim da tarde, o gabinete de Barreto Xavier fez chegar por email uma resposta laconica: “Este dossier está a ser gerido pelo gabinete do Secretário de Estado da Cultura, em articulação com a Secretaria de Estado do Turismo. Se

“Quanta gente...
A praça fica bem
mais bonita
quando tem gente,
não é”

Paulo Mendes da Rocha
Arquitecto



Isabel Cordeiro, directora da DGPC, que tutela os museus, disse na entrevista que deu ao PÚBLICO em Fevereiro que a sua equipa ia trabalhar para abrir os novos Coches no fim de 2014. Decorriam, então, trabalhos de conservação e restauro na colecção do museu e o

modelo de gestão estava ainda em estudo.

Ricardo Bak Gordon diz que não compreende o atraso e sublinha: “No Museu dos Coches, ao contrário de muitas das grandes obras em Portugal, não houve atrasos na construção nem derrapagens orça-

mentais. Tudo foi cumprido com rigor.”

Paulo Mendes da Rocha fala de um projecto que gostaria de ver entregue à cidade, mas “difícil”. Pelas burocracias? Pela construção numa zona rodeada de outros ícones arquitectónicos? Os “ícones” não o

incomodam, porque, diz, “quanto maior a festa, melhor...”. “As dificuldades vêm da imprevisibilidade da vida. Temos de lidar com elas. Este é um museu de grandes esperanças e eu quero ver aquela praça cheia, quero que ele participe da alegria do lugar.”

Embaixada nacional em São Paulo

Deixar a arquitectura e os arquitectos portugueses para fora do país, mas também os engenheiros e as indústrias da construção, é o objectivo do programa Arquitectura Portuguesa - Discrição é a Nova Visibilidade, que abre a 24 de Junho no Parque Ibirapuera, em São Paulo.

As faces mais visíveis deste programa, organizado pela Estratégia Urbana, associação privada que foi criada há dois anos para apoiar a internacionalização da arquitectura e engenharia nacionais, são um pavilhão provisório e uma grande exposição.

O pavilhão foi criado por Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura — dois dos mais internacionais arquitectos portugueses e ambos Prémio Pritzker, — e deverá ser construído entre as árvores, à beira de um lago, no parque inaugurado em São Paulo em 1953 e para sempre ligado a Óscar Niemeyer.

A exposição vai mostrar 100 projectos de arquitectos nacionais (casas unifamiliares, centros comerciais, estádios, prédios de habitação), construídos nos últimos 20 anos, e sete intervenções urbanas de grande escala em que se incluem, por exemplo, o Metro do Porto, a revitalização do centro histórico de Guimarães e a Expo-98.

O programa, que prevê ainda debates e conferências, e está aberto a propostas da sociedade civil (empresas podem candidatar-se a ocupar o espaço do pavilhão), termina a 28 de Julho, altura em que o espaço de Siza e Souto de Moura será desmontado. LC.

